

Inteligência emocional e sua aplicação no contexto educacional

Marcio Moreira da Silva¹ ; Adriana Maria Simião da Silva²

Resumo

Este artigo trata do conceito de Inteligência Emocional (IE) introduzido pela primeira vez na literatura científica nos anos 1990 por Salovey e Mayer. Desde então, os modelos de Inteligência Emocional e sua investigação em diversas áreas tem aumentado significativamente. O objetivo desta pesquisa é um aprofundamento teórico sobre o tema observando o papel das emoções no aprendizado. Para tanto se utilizou de pesquisa bibliográfica. Como resultado deste estudo, identifica-se a importância da teoria da Inteligência Emocional, que pode ser trabalhada junto aos alunos para melhor desempenho na aprendizagem e nas relações interpessoais. Sendo também necessário junto à formação docente, para uma educação das competências socioemocionais na escola.

Palavras Chave: Psicologia aplicada à educação. Inteligência Emocional. Emoções.

Abstract

This article deals with the concept of Emotional Intelligence (IE) first introduced in the scientific literature in the 1990s by Salovey and Mayer. Since then, the models of Emotional Intelligence and its investigation in several areas have increased significantly. The objective of this research is a theoretical underpinning on the theme observing the role of emotions in learning. For that, we used bibliographic research. As a result of this study, we identify the importance of Emotional Intelligence theory, which can be worked out with students for better performance in learning and interpersonal relationships. It is also necessary with the teacher training, for an education of the social-emotional competences in the school.

Keywords: Psychology applied at education. Emotional Intelligence. Emotions.

¹ Mestrando em Educação pela Unisullivan Inc. Bacharel em Psicologia pela UNILEÃO Centro Universitário. Especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Endereço para correspondência: Rua Nossa Senhora do Carmo, 140, Franciscanos – CEP: 63020-180, Juazeiro do Norte –CE. E-mail: marciopsi@bol.com.br

² É Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. É professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri onde atua na formação de professores de Sociologia. Email: adrianamsimiao@gmail.com

Introdução

Segundo Coll (1995) o campo da Psicologia que atua na educação é denominada Psicologia aplicada à educação, ela tem como foco as práticas educacionais. Nesse campo, estuda-se a teoria da inteligência emocional, e no presente artigo trabalhou-se a Psicologia aplicada nesta dimensão teórica, através do modelo de Mayer e Salovey (1997). Como objetivo geral, discutiu-se a importância da inteligência emocional no contexto educacional. Desta forma, apresentamos o conceito, a caracterização histórica, seu modelo teórico, além de termos apresentado os estudos científicos publicados sobre a aplicação deste conceito no contexto escolar.

O presente artigo estruturou-se mediante pesquisa bibliográfica que para Gil (2002), tem a vantagem de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se de maneira particular, importante quando o problema da pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Ao desenvolver uma pesquisa bibliográfica, torna-se proeminente a utilização de um estudo exploratório, este consistindo em dar uma explicação sobre o assunto, podendo levantar um novo problema que será esclarecido numa pesquisa mais consistente, ou seja, é o primeiro passo para uma pesquisa aprofundada (OLIVEIRA, 2008).

Pesquisar tal temática implica em contribuições relevantes para a educação, isto porque, Gonzaga e Monteiro (2011) reconhecem a necessidade de correlacionarem o conceito a outros construtos relevantes, dentre eles no contexto educacional. Justifica-se ainda a relevância do tema, devido à escassez de produções nacionais, contemplando a temática proposta. Desta maneira, outras pesquisas na área poderão surgir a fim de tentar trazer à tona outros questionamentos e respostas que de certa forma perpassam a escassez que esta temática possui.

A pesquisa científica a nível nacional, nesse contexto é escassa. Gonzaga e Monteiro (2011) listaram estudos científicos sobre Inteligência Emocional através de levantamento bibliográfico em revistas nas bases de dados INDEX PSI, LILACS, PEPSIC e SCIELO, tendo encontrado 37 publicações. Destas, encontra-se apenas

uma, de Rêgo, Brunelli e Rocha (2009), que traz a pesquisa-ação feita envolvendo 14 docentes, coordenadora e pesquisador de uma escola. Partimos então para a literatura estrangeira acerca do assunto e encontramos na Espanha estudos no contexto escolar.

Neste estudo com o aporte teórico de autores como Mayer e Salovey (1997) Fernández-Berrocal e Pacheco (2003), Cassà (2005), Chabot e Chabot (2005) Alzina (2012), dentre outros, foi possível analisar os achados em Inteligência emocional no que diz respeito à sua aplicação na educação.

Inteligência e Emoção

A razão e a emoção têm sido tratadas como antagônicas ao longo da história, e conseqüentemente na representação social das pessoas. Para Salovey et al (2008) na Filosofia, Aristóteles, considerava a emoção como inferior ao intelecto. René Descartes foi responsável pela inauguração do conceito que separava a emoção da razão, no século XVI. Muitos psicólogos se posicionaram durante séculos dessa maneira. Charles Darwin em seu livro de 1872, a expressão das emoções nos homens e nos animais, começou a proporcionar uma mudança acerca da importância das emoções. Através de observações etológicas da vida animal, revelou que a emoção tinha vantagens funcionais para o ser humano (SALOVEY, 1998). Na contemporaneidade, as descobertas da neurociência, comprovam que a emoção afeta diretamente os conteúdos do pensamento, como também os processos implicados nele, começando a desfazer a dicotomia cartesiana, razão versus emoção (CHABOT E CHABOT, 2005).

Para Afonso e Miranda (2007), o conceito de inteligência é múltiplo, levando-se em conta o contexto cultural, valores de uma sociedade e dado um momento histórico específico, com enfoque em diferentes perspectivas. Diversos são os teóricos que se esforçaram por definir o significado de inteligência. Trazemos em seguida um breve histórico destes.

O primeiro teste de inteligência com o objetivo de prever quais os riscos de fracasso escolar entre crianças francesas, solicitado pelo ministério da educação, é atribuído ao psicólogo Alfred Binet e seu colega Simon. Em 1912, o psicólogo

Wilhelm Stern cunhou o termo e a medida denomina da quociente de inteligência “QI”, que media a razão entre a idade mental e a idade cronológica do indivíduo (GARDNER, 2001). Em 1927, Charles Spearman, psicólogo inglês, propôs uma inteligência geral e única, capaz de ser aplicada a qualquer atividade solicitada (CHABOT E CHABOT, 2005). Na década de 30, Thurstone sugeriu a teoria de uma inteligência multifatorial, composta por sete aptidões mentais (FINO, 2011).

Na década de 80, Gardner criou a teoria das inteligências múltiplas, definindo que não existia apenas um tipo de inteligência, mas diversos. Ele formulou uma lista com oito tipos de inteligências: linguística e lógico-matemática, musical, corporal-sinestésica e espacial, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencialista (AFONSO E MIRANDA, 2007). Como afirma Gardner (2001), a maioria das inteligências definidas pelos teóricos, tem um caráter psicométrico, que busca medir a inteligência. De acordo com Fino (2011), Gardner se inspira um pouco em Thorndike, que na década de 20, referiu-se ao conceito de inteligência social, sendo a primeira teoria de inteligência que incluía emoções e sentimentos. Sternberg, diferente de Gardner, cria a inteligência triárquica, que compreende três aspectos, os quais tratam da relação da inteligência com o mundo interno da pessoa, com a experiência e com seu mundo externo. Posteriormente no início da década de 90, Mayer e Salovey, começam a definir o conceito de inteligência emocional, com o intuito de unir inteligência e emoção.

O conceito de emoção, também não é consensual por ser um fenômeno complexo, e sua definição depende do viés teórico. De acordo com LeDoux (2011) existem teorias que determinam as emoções enquanto reações físicas desenvolvidas através da evolução como parte da luta pela sobrevivência. Para outra teoria, são considerados estados mentais oriundos das reações corporais são percebidas pelo cérebro. As emoções são ideias sobre as situações em que as pessoas se encontram. Para outras teorias as emoções são construções sociais que ocorrem no relacionamento entre os indivíduos, e não restrita ao pessoal.

Para Goleman (1996) a emoção se refere a um sentimento, estados psicológicos e também biológicos, com tendências para o agir. Segundo Chabot e Chabot (2005), a palavra emoção, vem do latino *emovere* significando por em movimento, movimentar-se. De acordo com Maturana (2002) nada acontece, ou fazemos sem que nossa ação seja definida por uma emoção, que nos movimenta.

Todos esses autores citados anteriormente conceituam a emoção como algo que produz um movimento para fora.

Salovey e Mayer (1990) conceituam emoções como respostas organizadas de diversos subsistemas psicológicos, de caráter adaptador e que representam respostas do indivíduo a eventos internos, externos, positivos ou negativos. Nesse sentido as emoções podem ser divididas em positivas e negativas. As emoções positivas, como as negativas afetam todos os nossos processos mentais, desde a atenção, até os processos intelectuais e cognitivos mais complexos, contribuindo ou prejudicando para o aprendizado (CHABOT e CHABOT, 2005).

As emoções desempenham diversas funções importantes para a sobrevivência e o bem-estar dos seres humanos. Dentre elas, a de comunicar a condição interna da pessoa aos outros e provocar uma resposta, orientando e regulando o comportamento (PAPALIA, 2006).

Inteligência Emocional.

O termo Inteligência Emocional já vem sendo comentado desde 1985 pelo estudante de doutorado Wayner Payne, que o trabalhou numa perspectiva filosófica, porém antes em 1966, B. Leuner alemão traz à tona um estudo acadêmico em tratamentos psiquiátricos. Em 1989, Greenspan utiliza o termo em capítulo de um livro remetendo-o a aspectos emocionais como estes servindo de base para a aprendizagem dos indivíduos (BAR-ON E PARKER, 2002).

O conceito, porém é atribuído a Mayer e Salovey, professores das Universidades de New Hampisre e Yale nos Estados Unidos, que no início da década de noventa a princípio definiram-na como “a habilidade de perceber seus próprios sentimentos e emoções, bem como os sentimentos e emoções dos outros, de distingui-las e de utilizar essas informações como orientação para suas ações e seus pensamentos” (MAYER E SALOVEY, 1990. p.189).

Em 1995, Daniel Goleman lançou o livro intitulado Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente, tornando o termo popularmente conhecido. Segundo Pacheco e Fernández-Berrocal (2003) após o sucesso do best-seller de Goleman, a Inteligência Emocional, estava em livros de

autoajuda, em revistas, em jornais, tornando-se uma moda, dificultando a credibilidade no meio acadêmico. No ano de 1997, Mayer e Salovey revisam a definição anterior procurando dar maior aporte científico, propondo o seguinte conceito de Inteligência Emocional como:

Habilidade que permite perceber, apreciar e expressar corretamente nossas emoções; a habilidade para acessar e ou gerar sentimentos quando estes facilitam nossos pensamentos; a habilidade para compreender as emoções e os conhecimentos emocionais; e a habilidade para regular as próprias emoções, no intuito de favorecer o crescimento emocional e intelectual. (1997. p.10).

Sendo assim, a Inteligência Emocional envolve a relação entre emoção e cognição. Segue uma hierarquia através dos processos psíquicos básicos (percepção), para os mais complexos, como no caso da regulação e promoção do crescimento emocional e intelectual. Essa definição é conhecida como o modelo dos quatro ramos, que representam classes de habilidades.

Descrevendo de maneira breve, a percepção, é a habilidade de detectar e decifrar as emoções através das expressões faciais, fotos, vozes, e por meio da consciência das próprias emoções pelas reações fisiológicas, pensamentos e comportamentos, além da percepção das emoções nos outros, identificando-as (SALOVEY ET AL, 2008). Essa é, aliás, segundo Chabot e Chabot (2005) uma das habilidades que surgem muito cedo no ser humano, embora alguns tenham dificuldade em identificar suas próprias emoções. Essa habilidade permite que desenvolvamos a empatia, tão necessária nas relações interpessoais. Essa habilidade de perceber as emoções incorpora também a habilidade de expressá-las além de ajudar os outros a fazer com exatidão sobre o que realmente estão sentindo, conseqüentemente evitando reprimi-las.

Seguindo para a habilidade de assimilar e ou gerar sentimentos quando estes facilitam nossos pensamentos. Para Pacheco e Fernández-Berrocal (2003), ela foca em como a emoção afeta o sistema cognitivo se servindo dos estados emocionais podemos facilitar mais efetivamente a resolução de problemas, a tomada de decisão e obter mais criatividade. Essa habilidade pressupõe redirecionar e priorizar o pensamento baseado nos sentimentos. Captar as oscilações de humor tomando múltiplos pontos de vista. Salovey et al (2008) cita um exemplo em relação a estudantes que são levados por humores negativos, sem autoconfiança, durante

uma avaliação, focam apenas nas consequências negativas e geralmente obtêm resultados baixos. Outro estudante pode gerar emoções e cognições positivas, criando mais autoconfiança, e sendo induzido a um estado emocional positivo, tornando-se mais perseverante, vindo a obter resultados mais satisfatórios. Isto porque em função dos estados emocionais, as cognições são alteradas, melhorando o pensamento criativo, favorecendo o aprendizado. (PACHECO E FERNÁNDEZ-BERROCAL, 2003).

O terceiro passo é a compreensão das emoções. Ao se compreender as emoções, pode-se antecipar em determinadas situações que tipos de emoções poderão se manifestar. E por último a regulação, que é a habilidade mais complexa de todas as três anteriores. Inclui a capacidade de estar aberto às emoções positivas e negativas, refletindo sobre as mesmas, moderando as últimas e intensificando as primeiras (CHABOT E CHABOT, 2005).

Mas, esse não o único modelo de Inteligência Emocional, para Salovey e Caruso (2000) e Fino (2011), existem os modelos de Daniel Goleman e Bar-on. O modelo de Mayer e Salovey é reconhecido como o de habilidades relacionadas com o processamento da informação, mais próximo dos conceitos científicos de inteligência. Os demais modelos são denominados de mistos, por que mesclam habilidades mentais, com traços de personalidade, como a empatia, as relações interpessoais, otimismo, motivação. Salovey et al (2008), afirmam que a Inteligência Emocional, pode contribuir para com a motivação, o zelo, a persistência e a empatia, que são traços de personalidade, mas não são a mesma coisa que inteligência. Pacheco e Fernández-Berrocal (2003) afirmam que o modelo que constitui um enfoque mais científico e com base teórica mais fundamentada é a de Mayer e Salovey, que ainda possuem instrumentos de avaliação como os testes de inteligência comumente aplicados.

Inteligência Emocional aplicada no contexto educativo

A educação não deve se deter apenas a ensinar conteúdos cognitivos, é que os problemas de aprendizado também têm seus componentes emocionais. As emoções positivas geram motivação, interesse, colaboração, perseverança e

criatividade. As emoções negativas, além de atrapalharem a percepção, a atenção e a memória, são responsáveis pela evasão escolar, absenteísmo, procrastinação, conflitos interpessoais e insegurança (CHABOT E CHABOT, 2005).

De acordo com Maturana (2002) nos denominamos seres racionais e estamos enraizados em uma cultura que desvaloriza as emoções em detrimento da razão. Behrens e Machado (2005) afirmam que a abordagem conservadora, escolanovista e tecnicista, enfocam na fragmentação do conhecimento, sendo influenciadas pelo método cartesiano.

Segundo autores como Chabot e Chabot (2005), Cassà (2005), Salguero (2011) e Alzina e Escoda (2012), Marchesi (2006), esse tipo de educação valoriza mais o conhecimento racional que as emoções, sem se dar conta de que ambos os aspectos cognitivos e emocionais são necessários para a aprendizagem. Almeida (1999) recorda que o indivíduo está presente no espaço educativo como pessoa completa, cognitiva e emocionalmente, devendo a escola não negligenciar ou suprimir as emoções em suas atividades. Sendo assim o aspecto emocional e cognitivo aspectos de uma mesma realidade. Por isso, Pacheco e Fernández-Berrocal (2003) acreditam que uma das missões da escola no século XXI é educar emocionalmente as próximas gerações. É aí que entra a Inteligência Emocional no âmbito educativo.

Goleman (1996) defende a inteligência emocional no currículo padrão das escolas, e ao falar da alfabetização emocional reconhece que algumas escolas com o currículo muito intenso, promovem nos Estados Unidos a difusão de lições sobre sentimentos e relacionamentos mesclados com outras matérias já ensinadas, como leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais, entre outros. Marchesi (2006) acredita que a educação emocional não deva ser reduzida a uma matéria específica ou a um tempo específico, mas que o funcionamento da escola deva ser na direção da comunicação afetiva.

Pacheco e Fernández-Berrocal (2004), afirmam que a falta de Inteligência Emocional facilita o surgimento de problemas nos estudantes, dentre eles os déficits nos níveis de bem-estar, redução na qualidade das relações interpessoais, queda no rendimento acadêmico, e o aparecimento das condutas disruptivas. Destacamos aqui as condutas disruptivas, que são comportamentos inapropriados, tais como brigar, chamar a atenção em sala de aula, desobedecer, etc, atrapalham a ordem e a

disciplina na escola, tornando as relações com professores e colegas muito difíceis, além de dificultarem o aprendizado. (MARCHESI 2006). Esses alunos não sentem empatia em relação aos colegas e aos professores. O desenvolvimento da Inteligência Emocional nas escolas favorece a empatia, que favorece o altruísmo e a condução pró-social. Chabot e Chabot (2005) relatam a partir de várias pesquisas os efeitos positivos da empatia sobre o aluno, dentre elas, a melhora na qualidade das relações, resolução de conflitos, favorece o êxito escolar, etc.

Para Salovey (2003), programas de desenvolvimento sócio emocional, garantem a resolução de conflitos de forma criativa, benefícios como ganhos de ligação social e emocional das crianças à escola, redução das taxas de abandono escolar, a redução da incidência de comportamentos agressivos ou de risco e melhorias no funcionamento cognitivo.

Fernández-Berrocal e Aranda (2008), confirmam que a Inteligência Emocional colabora para que as relações interpessoais melhorem, tornando-as mais hábeis na hora de perceber, compreender e manejar suas emoções e ajudando os demais a compreendê-las, além de melhorar em relação ao rendimento escolar, atuando nos estados de ânimos, favorecendo a cognição.

Inteligência Emocional aplicada aos alunos

A Inteligência Emocional pode e deve começar desde os primeiros anos de vida escolar, é o que pensa Cassà (2005), recordando que as emoções estão presentes desde o nascimento, e tem papel relevante na construção da personalidade da criança. Os primeiros anos do desenvolvimento emocional infantil são como um alicerce para as etapas posteriores do crescimento humano, assim, a escola e a família tem papel importante no desenvolvimento infantil (ALMEIDA, 1999). De acordo com Alzina e Escoda (2012) a educação das emoções deve começar desde cedo no âmbito familiar, seguindo para o escolar. É verdade que esse desenvolvimento deve começar na família, através de um clima de confiança e afeto, transmitindo segurança emocional (MARCHESI 2006), ANO). Porém, nem sempre os pais são capazes de ajudar nesse sentido (SALGUERO 2011), e é justamente aí que entra a escola, onde a criança passa boa parte do tempo, sendo

esse um espaço de experiências emocionais diversas. As crianças de idades menores, que estão inseridas na educação infantil, principalmente necessitam da ajuda da professora para serem educadas emocionalmente (CASSÀ, 2005). Segundo Almeida (1999), a escola é percebida como continuidade da família, sendo assim, a professora chamada com frequência nessa fase do desenvolvimento infantil nas salas de aula como tia pelas crianças. Portanto, a escola deve ser um espaço de acolhimento, de segurança e confiança às crianças, de maneira a garantir oportunidades para que elas experimentem, e possam expressar suas emoções.

No Brasil não há legislação sobre a necessidade de implantar nas escolas a educação emocional, como na Espanha que busca integrar as dimensões cognoscitiva, afetiva e moral, por meios de programas de educação socioemocionais. No entanto há um referencial curricular nacional para a educação infantil, que mesmo não trabalhando com o conceito de Inteligência emocional, ou educação emocional recorda que a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas (BRASIL, 1998).

Cassá (2012) ainda defende programas de educação socioemocionais, para desenvolver a Inteligência Emocional nas crianças, além de propor algumas atividades envolvendo recursos didáticos como imagens, fotografias, canções, contos, jogos, vídeos, como ferramentas práticas.

Inteligência Emocional aplicada aos professores

De acordo com Marchesi (2007), a emoção foi considerada em diversas ocasiões como inadequada para os professores, mas a partir das descobertas da neurociência, entendeu-se que as emoções estão intrinsecamente ligadas no processo de aprendizagem, da motivação.

Para que a Inteligência Emocional, seja conhecida entre os professores, requer que tenham formação acerca das emoções e de acordo com o modelo de Salovey e Mayer (1997) consigam perceber, apreciar e expressar corretamente suas emoções; tenham a habilidade de gerar sentimentos os pensamentos, a habilidade em compreender as emoções e os conhecimentos emocionais além da habilidade para regular suas próprias emoções e as dos alunos.

Palomera, Fernández-Berrocal e Brackett (2008), Fernández-Berrocal e Aranda (2010), além de Alzina e Escoda (2012) defendem a formação inicial e permanente de professores. Os professores devem ser exemplo principalmente para as crianças pequenas que são introduzidas cada vez mais cedo na escola, e passam, muito mais tempo nela do que com a família, e acrescenta que quer queiram ou não, eles são agentes do desenvolvimento emocional de seus alunos (FERNÁNDEZ-BERROCAL 2010).

Melero (2000), Cassà (2005), Fernández-Berrocal, Cabello, e Alzina (2005), concordam que deve haver uma formação prévia dos educadores. Para Fernández-Berrocal (2010), os professores devem ter a capacidade de reconhecer, compreender e regular as próprias emoções e desenvolver essas habilidades em seus alunos. Almeida (1999) acredita que o professor deve aprender a ler as emoções como um pré-requisito para poder regulá-las.

Para Alzina (2005) essa formação deve ser permanente, e deve englobar aspectos teóricos sobre a educação emocional, as inteligências múltiplas de Gardner, e a teoria da Inteligência Emocional. Segundo Marchesi (2006), o professor precisa tomar consciência da importância do valor educativo das emoções, e de que há um mundo de relações e afetos na sala de aula, e que ele é um dos pontos de referência. A maneira como ele se comunica, sua organização, maneira de atender os alunos, traz grande repercussão sobre os alunos. Chabot e Chabot (2005), afirmam que os professores tem papel fundamental na estimulação das competências emocionais de seus alunos, se utilizando de meios que permitam eles sentirem as coisas que aprendem.

Considerações finais

A Inteligência Emocional é um conceito que tem sido aplicado à educação com sucesso em países como Estados Unidos e Espanha. O conceito de Mayer e Salovey (1996) que a reconhece como habilidade de perceber suas próprias emoções e dos outros além de distingui-las utilizando as informações como orientação para suas ações e seus pensamentos, é muito importante para a educação, que não mais, pode focar unicamente nos conteúdos cognitivos, pois se

sabe através das pesquisas e programas de Inteligência Emocional, que o aprendizado tem seus componentes emocionais.

Encontramos na pesquisa que a Inteligência Emocional, pode prevenir problemas nos estudantes no aspecto das relações interpessoais, desde queda no rendimento escolar, como no surgimento de comportamentos inapropriados, como a violência, a indisciplina até a dificuldade no aprendizado. Trabalhada desde os primeiros anos de vida, pode favorecer o desenvolvimento socioemocional, desde que a escola permita que seja um espaço de acolhimento, garantindo que elas possam descobrir e possam expressar suas emoções de maneira ajustada.

Finalmente, existem evidências a partir de vários autores (Palomera, Fernández-Berrocal e Brackett, 2008), (Fernández-Berrocal e Aranda 2010), Alzina e Escoda (2012), que a Inteligência Emocional também é importante na formação dos docentes, tanto inicial como continuada. Permitindo que o professor conheça valor educativo das emoções, e das relações e afetos, repercutindo junto a seus alunos na sala de aula, de maneira positiva. Acredita-se que o presente estudo servirá para fornecer elementos teórico-práticos em investigações, e fomentar discussões acerca de sua aplicação em contexto educacional.

Referências

AFONSO, Maria; MIRANDA, Maria. *Paradigmas diferencial e sistêmico de investigação da inteligência humana: perspectivas sobre o lugar e o sentido do construto*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação; Universidade de Lisboa. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/3987>. Acesso em: 16 fev.2014.

ALMEIDA, Ana. *Emoção na sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 1999. 6ª ed.

ALZINA, Bisquerra; ESCODA, Núria. *Educación emocional: estrategias para su puesta en práctica*. Revista de la Asociación de Inspectores de Educación de España. Revista nº 16 - Maio 2012. Disponível em:http://www.adide.org/revista/index.php?option=com_content&task=view&id=448&Itemid=465Acesso em: 20 abr.2014.

ALZINA, Bisquerra. *La educación emocional en la formación del profesorado*. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*. 19(3), (2005), 95-114.

Disponível em:<http://www.redalyc.org/pdf/274/27411927006.pdf>Acesso em: 23 mai.2014.

BAR-ON, Reuven; PARKER, James (org.). *Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

BEHRENS, Marilda; MACHADO, Iliana. *Os saberes docentes na educação emocional*. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, n.16, p. 269-280, set./dez. 2005. Disponível em:<http://www.redalyc.org/pdf/1891/189116175016.pdf>Acesso em: 13jun.2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil / Formação pessoal e social*. Volume 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil / Conhecimento de mundo*. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo; ARANDA, Desirée. *La inteligencia emocional en la educación*. Revista electrónica de Investigación Psicoeducativa. 1696-2095. Nº 15, Vol 6(2) 2008, pp: 421-436. Disponível em:<http://www.investigacion-psicopedagogica.org/revista/new/ContadorArticulo.php?256>. Acesso em: 22abr.2014.

FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo; PACHECO, Natalio. *La inteligencia Emocional y la educación de las emociones desde el Modelo de Mayer e Salovey*. Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 19(3), (2005), 63-93. Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27411927005>. Acesso em: 02mai.2014.

CABELLO, Rosario; ARANDA, Desirée; FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo. *Docentes emocionalmente inteligentes*. Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 13 (1), 2010, p. 41-49. Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=217014922005>. Acesso em: 23 dez.2014.

CASSÀ, Èlia. *La educación emocional en la educación infantil*. Revista interuniversitaria de Formación del Profesorado, 19(3), 2005, p.153-167. Disponível em:<http://www.redalyc.org/pdf/274/27411927006.pdf>Acesso em: 21fev.2014.

_____. *Inteligencia Emocional en el aula*. In: *¿Cómo educar las emociones? La inteligencia emocional en la infancia y adolescencia*. Alzina (Coord.). Hospital Sant Joan de Déu. Barcelona, 2012. Disponível em: www.faroshsjd.net. Acesso em: 01 jan. 2014.

CHABOT, Daniel; CHABOT, Michel. *Pedagogia emocional, sentir para aprender*. Trad. de Diego Ambrosini e Juliana Montoia de Lima. São Paulo: Sá, 2005.

COLL, Cezar.; PALACIOS, Jesus.;MARCHESI (2006), Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FINO, Mafalda. *A Inteligência Emocional na Prática Educativa do Pré-escolar: Um estudo etnográfico*. 2011. 60p. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Universidade da Madeira, Portugal, 2011. Disponível em:<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/344/3/MestradoMafaldaQuintanilha.pdf>. Acesso em: 24 dez.2013.

GARDNER, Howard. *Inteligência: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4.edição. São Paulo: atlas, 2002.
GOLEMAN, Daniel (1996). *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Trad. Marcos Santarrita. Ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

GONZAGA, Alessandra; MONTEIRO, Janine. *Inteligência Emocional no Brasil: Um Panorama da Pesquisa Científica*. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa Abr-Jun 2011, Vol. 27 n. 2, pp. 225-232. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n2/a13v27n2.pdf>. Acesso em: 18 dez.2013.

LEDOUX, Joseph. *O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional*. Tradução Terezinha Batista dos Santos. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MARCHESI, Álvaro (2006). *O que será de nós, os maus alunos?* 2006. São Paulo, Artmed.

_____.(2007) *O bem-estar dos professores. Competências, emoções e valores*. São Paulo, Artmed.

MAYER, John; SALOVEY, Peter. *Emotional Intelligence*. In: *Imagination, Cognition, and Personality*, 9(1990), pp. 185-211. Disponível em: http://www.unh.edu/emotional_intelligence/EIAssets/EmotionalIntelligenceProper/EI1990%20Emotional%20Intelligence.pdf. Acesso em: 22jan.2014.

_____.*What is emotional intelligence – Emotional development and emotional intelligence, implications for educators*. New York, Basic Books, 1997. Disponível em: http://www.unh.edu/emotional_intelligence/EI%20Assets/Reprints...EI%20Proper/EI1997MSWhatIsEI.pdf. Acesso em: 17 jan.2014.

MAYER, John; SALOVEY, Peter.; CARUSO David R. *Inteligência emocional como Zeitgeist, como personalidade e como aptidão mental*. In: BAR-ON, Reuven; PARKER, James D. A. (org.). *Manual da inteligência emocional: teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

_____. (2000). *Models of emotional intelligence*. In. R.J. Sternberg (Ed.). Handbook of human intelligence. Chapter eighteen. 2ª edition. New York: Cambridge University Press.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Velo Horizonte. Edições UFMG, 2002. 3ª reimpressão.

OLIVEIRA, M. M. *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. 2ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2008.

PACHECO, Natalio; FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo. *La inteligencia emocional en el contexto educativo: hallazgos científicos de sus efectos en el aula*. Revista de Educación, Nº. 332 (2003), pp. 97-116. Disponível em: <http://www.mecd.gob.es/dctm/revista-de-educacion/articulosre332/re3320611443.pdf?documentId=0901e72b81256ae3>. Acesso em: 20 mar.2014.

_____. *El papel de la inteligencia emocional en el alumnado: evidencias empíricas*. Revista Electrónica de Investigación Educativa, Vol. 6, Nº. 2 (2004). Disponível em: <http://www.redie.uabc.mx/vol6no2/contenido-extremera.html> Acesso em: 10 abr.2014.

PALOMERA, Raquel; FERNÁNDEZ-BERROCAL, Pablo. & BRACKETT, M. A. (2008).

“La inteligencia emocional como una competencia básica en la formación inicial de los docentes: algunas evidencias”. Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa, 15, 437-454. Disponível em: http://www.erevistas.csic.es/ficha_articulo.php?url=oai_revista92:195&oai_iden=oai_revista92. Acesso em: 16 fev.2014.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally; FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento humano*. 8ª edição. Tradução Daniel Bueno. Artmed, 2006.

RÊGO, C., BRUNELLI, C. A., & ROCHA, N. M. (2009). *Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 17(62), 135-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v17n62/a07v1762.pdf>. Acesso em: 15 jun.2014.

SALGUERO, María. *Importancia de la Inteligencia Emocional como contribución al desarrollo integral de los niño/as de educación infantil*. Revista Pedagogia Magna. Nº. 11. Fev.2011. P. 178-188. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3629180>. Acesso em: 12 mai.2014.

SALOVEY, Peter. *Emotional Intelligence*. Encyclopedia of Education. Volume 4. In Guthrie, James (Org.) Second edition. 2003. Macmillan reference. USA. Disponível em: http://ei.yale.edu/wp-content/uploads/2013/12/pub272_Salovey_Lopes.pdf. Acesso em: 29 de mai.2014.

_____. Peter et al. *Emotional Intelligence*. Chapter 33; In: Lewis, Michael(Org.) Handbook of Emotions. The Guilford press. New York London, 2008. Disponível em:<http://raulhoffman.com/wp-content/uploads/2012/07/Handbook-of-Emotions.pdf>. Acesso em: 23 mar.2014.